Capítulo 1 – Salas de Recursos Multifuncionais de Referência em Comunicação Alternativa

caminhos possíveis de uma parceria entre instituição e universidade

Janaina Larrate
Maristela C. Dias Siqueira
Vera Val de Casas Pimentel
Gabriela Ferreira Ramiro de Souza
Leila Regina d'Oliveira de Paula Nunes

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LARRATE, J., *et al.* Salas de Recursos Multifuncionais de Referência em Comunicação Alternativa: caminhos possíveis de uma parceria entre instituição e universidade. In: NUNES, L. R. O. P., and SCHIRMER, C. R., orgs. *Salas abertas: formação de professores e práticas pedagógicas em comunicação alternativa e ampliada nas salas de recurso multifuncionais* [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2017, pp. 19-28. ISBN: 978-85-7511-452-0. Available from: doi: [10.7476/9788575114520.003](https://doi.org/10.7476/9788575114520.003). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/xns62/epub/nunes-9788575114520.epub>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Capítulo 1 – Salas de Recursos Multifuncionais de Referência em Comunicação Alternativa: caminhos possíveis de uma parceria entre instituição e universidade

Janaina Larrate¹

Maristela C. Dias Siqueira²

Vera Val de Casas Pimentel³

Gabriela Ferreira Ramiro de Souza⁴

Leila Regina d'Oliveira de Paula Nunes⁵

¹ Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. E-mail: ofvivencialiha@rio.rj.gov.br

² Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ. E-mail: ofvivencialiha@rio.rj.gov.br

³ Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. E-mail: ofvivencialiha@rio.rj.gov.br

⁴ Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. E-mail: ofvivencialiha@rio.rj.gov.br

⁵ Professora titular da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ. E-mail: leilareginanunes@terra.com.br

Quem somos?

A Oficina Vivencial de Ajudas Técnicas para a Ação Educativa (OV) é um serviço oferecido pelo Instituto Municipal Helena Antipoff (IHA)⁶, voltado para a orientação e formação continuada de professores que atuam com alunos com deficiência, matriculados na rede pública municipal de ensino do Rio de Janeiro, no que se refere à avaliação, uso, pesquisa e produção de Tecnologia Assistiva (TA)⁷, direcionado àqueles que apresentem prejuízos na comunicação e na mobilidade. Uma das suas principais vertentes de trabalho está na orientação e na formação continuada dos professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE)⁸, principalmente dos que atuam nas Salas de Recursos Multifuncionais (SRMs).

Nossa História

Criada em 1994 – época em que se vivia intensamente a mudança de paradigma de uma educação baseada no modelo integracionista, em transição para uma educação inclusiva –, a Oficina Vivencial chegou com uma

⁶ IHA - Órgão da Secretaria Municipal de Educação (SME) da cidade do Rio de Janeiro, responsável pela implementação das políticas públicas que normatizam a Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, no âmbito da rede municipal de ensino, atuando em consonância com as legislações federal e internacional para garantir os direitos dos alunos com deficiência, Transtorno Global do Desenvolvimento (Transtorno de Espectro Autista) e altas habilidades/superdotação, no que tange ao acesso e permanência nas turmas comuns, em igualdade de condições com os demais.

⁷ “Área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação, de pessoas com deficiência, incapacidade ou mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social” (CORDE, 2007).

⁸ “Realiza o Atendimento Educacional Especializado, disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto à sua utilização no processo de ensino e aprendizagem nas turmas comuns do ensino regular” (MEC, 2008, p. 10).

proposta inovadora de oferecer recursos e serviços da TA aos alunos com deficiência física, incluídos nas turmas comuns das escolas municipais, para atender às suas necessidades de acessibilidade ao espaço escolar, de comunicação, informação e de conhecimento.

Figura 1. Áreas de abrangência das Coordenadorias Regionais de Educação da cidade do Rio de Janeiro

Fonte: escolasdoamanha.rioeducacao.rj.gov.br/AreaPublica/Escolas.aspx.

Paulatinamente, no decorrer da última década, a OV rediscute seu papel e amplia sua atuação, consolidando-se como referência em Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA)⁹ para as escolas da rede municipal. O foco do trabalho, antes restrito ao aluno com deficiência física/neuromotora, passa a abranger todos aqueles que podem se beneficiar do seu uso, independentemente da deficiência que possui. Acompanhando professores e alunos de uma das maiores redes de ensino da América Latina, observa-se a necessidade da ampliação das formas de ofertar formação continuada em serviço aos professores.

Distribuídos pelas 1.013 escolas de ensino fundamental e 514 unidades de Educação Infantil, nas 11 Coordenadorias Regionais de Educação (CREs), a cidade do Rio de Janeiro, no ano de 2016, possuía, aproximada-

⁹ É toda forma de comunicação que complementa ou substitui a linguagem oral e/ou escrita.

mente, 650 mil alunos. Desse total, 13 mil eram acompanhados pela Educação Especial, sendo cerca de 8 mil incluídos em turmas comuns e atendidos por 474 Salas de Recursos Multifuncionais em horário de contraturno.

Esses números refletem a proporção do desafio que se fazia presente “para garantir a aprendizagem, por meio da oferta de serviços e de recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras e promovam a inclusão plena” (Brasil, 2015 – Cap. IV, Art. 27, § 2).

Para a OV, o desafio de oferecer serviços e recursos de acessibilidade que promovam a inclusão plena dos alunos com deficiência se refletia na procura de caminhos que auxiliassem a promoção da autonomia dos professores do AEE, na condução do seu fazer pedagógico, em relação à implementação do uso da CAA pelo alunado que não possui fala oral e/ou escrita funcional.

A experiência com a formação continuada, acumulada em vinte anos de existência do serviço, vinha demonstrando, ainda que intuitivamente, que a utilização da CAA por esses alunos era muito restrita se comparada ao universo daqueles que dela necessitavam. Quais seriam as razões? Levantamos algumas hipóteses: Os modelos de formação, até então oferecidos, organizados em cursos presenciais com temas pré-estabelecidos, não seriam suficientes à clientela? Demandavam outros formatos? Em caso afirmativo, quais poderiam ser estes?

Outra questão relevante seria a própria extensão da rede e o aumento progressivo no número de alunos incluídos, tornando necessária a ampliação do serviço da OV em espaços mais regionalizados pela cidade. De que forma promovê-la?

Buscando possíveis respostas aos problemas apresentados, firmamos parceria de pesquisa com as professoras pesquisadoras do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Em estudo iniciado em 2013, apresentado à Secretaria Municipal de Educação, o projeto “A Formação Continuada de Professores das Salas de Recursos Multifuncionais do Rio de Janeiro em Tecnologia Assistiva”¹⁰ teve como objetivo implementar e avaliar um programa de formação em

¹⁰ Projeto financiado com a bolsa “Cientista do Nosso Estado” para Leila Regina d’Oliveira de Paula Nunes (FAPERJ – Proc. 102.319/2013) e bolsa de pós-doutorado para Carolina R. Schirmer (CNPq – Proc. 501388/2013-3).

serviço de professores para atuação em Sala de Recursos Multifuncionais de Referência.

Os professores seriam ensinados a planejar, utilizar e avaliar recursos e serviços da TA nas áreas ligadas à escola, sobre a CAA, o acesso ao computador a atividades e materiais pedagógicos adaptados para atender aos alunos que apresentassem severos comprometimentos em sua comunicação oral, como aqueles com paralisia cerebral, autismo e deficiência múltipla (Schirmer e Nunes, 2013).

As SRMs, onde os participantes do projeto atuavam, passariam a caracterizar-se como “Salas de Recursos Multifuncionais de Referência em Tecnologia Assistiva”, com ênfase em CA – espaços de difusão da TA, de estratégias pedagógicas e conhecimento para os demais professores das SRMs convencionais, na abrangência das 11 CREs. Dessa forma, buscava-se ampliar o alcance das ações da OV, de modo a abarcar um maior número de professores do AEE, nas práticas que envolvessem o uso da TA, especialmente a CAA.

Como fios de uma peça tecida a várias mãos, foi organizado um projeto-piloto em que a instituição e a universidade uniram-se em suas propostas de formação continuada em serviço.

Neste capítulo, abordaremos os caminhos percorridos pela parceria da pesquisa iniciada em 2013 e finalizada em 2016. Todos os professores participantes foram indicados pelas Coordenadorias de Educação e Equipes de Acompanhamento do IHA, a partir dos seguintes critérios: ter formação na área de CAA, por meio dos cursos oferecidos pelo IHA ou demais instituições de ensino; atuar em uma Sala de Recursos que tenha recebido material disponibilizado pelo MEC; possuir conhecimentos básicos de informática; exibir habilidade para atuar como dinamizador de encontros e palestras e demonstrar interesse em fazer parte do projeto. A OV garantiu também a estrutura legal da certificação da presença na formação continuada da rede municipal, por meio de cursos anuais autorizados pela SME.

Desenvolvimento

Ao longo desses quatro anos, participaram, em média, 18 professores¹¹. As metodologias utilizadas delinearão-se de acordo com as necessidades do grupo. Inicialmente, utilizamos a Problemática, que possibilitou a identificação de situações-problema, mediante casos de alunos acompanhados pelos cursistas, para que fossem levantadas suas necessidades, habilidades e dificuldades. Esse levantamento foi a base para o desenvolvimento da estrutura do estudo, com a definição das temáticas que seriam abordadas daí em diante, com palestras de convidados ou da própria equipe OV/UERJ, oficinas e discussão de casos, alternando o formato, de individual, em pequenos grupos e coletivamente. Os conteúdos formativos foram organizados a partir das necessidades apontadas pelos participantes enfatizando o planejamento, a execução e a avaliação de serviços e dos recursos da CAA pertinentes ao trabalho realizado nas SRMs.

Entre os temas solicitados, os mais discutidos foram aqueles que estavam diretamente envolvidos com as atribuições do professor da SRM: linguagem e comunicação; estratégias de ensino e intervenção de CAA com os alunos; utilização de sistemas de CAA para alunos com Transtorno do Espectro Autista; Plano Educacional Individualizado (PEI); aplicativos de CAA para *tablets*; e adaptação de materiais pedagógicos.

Os encontros foram realizados na sala da OV, no IHA, e, eventualmente, no Laboratório de Tecnologia Assistiva da UERJ. Também foram utilizadas nas SRMs das professoras participantes em encontros específicos, totalizando 160 horas de formação em serviço.

Organizadas de modo a valorizar o conhecimento de todos os participantes, as atividades seguiram os pressupostos da Aprendizagem Colaborativa:

Parte da ideia de que o conhecimento é resultante de um consenso entre membros de uma comunidade de conhecimento, algo que as pessoas constroem conversando, trabalhando juntas direta ou indiretamente (i.e., resolução

¹¹ Esse é o quantitativo mais frequente de professores. Alguns se ausentaram temporariamente da formação, enquanto outros ingressaram mais recentemente.

de problemas, projetos, estudos de caso etc.) e chegando a um acordo (Torres et al., 2004, pp. 2-3).

Com efeito, uma das atividades que mais contribuiu para a pesquisa foi a de assistir a pequenos blocos de filmagens de quatro participantes que se voluntariaram para registrar sua atuação com os alunos sem comunicação oral nas suas Salas de Recursos. Tomadas como ponto de partida para as discussões, acabaram por possibilitar aos professores a saída da condição de receptores passivos, valorizando seus próprios conhecimentos e construindo um arcabouço teórico sobre sua prática. Essas experiências permitiram um desdobramento da pesquisa com o aprofundamento das análises dessas filmagens, utilizando-se da metodologia de autoscopia¹², com a participação de duas professoras em encontros que precediam os do grupo maior, mantendo-se, contudo, a proposta de estudarem os temas de interesse geral, de desenvolvimento da linguagem e comunicação.

De modo geral, os dois primeiros anos foram voltados a um conteúdo mais formativo, e os dois últimos, dedicados ao planejamento dos encontros das Salas Abertas¹³ para uma futura implementação das Salas de Recursos Multifuncionais de Referência em TA, com ênfase em CAA.

Abordando temas como “Começar do começo...”, que discutia sobre quem eram os alunos que necessitavam de CAA e como se podia começar a desenvolver na escola a aplicação desta, especificamente, para crianças com autismo; esses encontros foram progressivamente ampliados à medida que as professoras participantes sentiam-se mais preparadas para assumirem a proposta.

Em 2015, foram realizados dois encontros das Salas Abertas em quatro CREs, com oito professoras, das quais metade optou por trabalhar em

¹² A metodologia da autoscopia foi empregada quando as filmagens realizadas eram previamente vistas pela pesquisadora da UERJ, que selecionava trechos específicos das filmagens para serem analisados pelas professoras dos alunos, que faziam, em um primeiro momento, sua autoanálise e, a seguir, discutiam os pontos observados com o grupo de pesquisadores.

¹³ Encontros dos professores participantes com seus colegas de SRM, das suas respectivas CREs, destinados à troca de experiências, reflexão e oficinas pedagógicas para professores iniciantes de SRM e que tivessem alunos com necessidade de CAA.

duplas. Em 2016, mais duas Salas Abertas aconteceram, envolvendo todas as professoras participantes, em todas as coordenadorias. Ao todo, dessas quatro Salas Abertas, participaram 333 professores.

Conclusão

De início, o que se observou ao verificar o perfil das professoras indicadas pelas CREs é que, embora apresentassem interesse e disponibilidade para participar da pesquisa, nem todas tinham experiência e conhecimento prévio sobre TA e CAA. A Metodologia da Problemática permitiu que se trouxesse o foco da formação continuada em serviço para as necessidades do grupo, não a enquadrando em uma proposta fechada.

Manter o grupo de pesquisa com todos os participantes por um período de tempo relativamente longo não é tarefa fácil na rede municipal como um todo. Durante esses quatro anos, tivemos a rotatividade de aproximadamente 30% das professoras participantes. Esse dado aponta a necessidade de se criarem estratégias para manter a unidade da proposta.

Durante o trajeto da pesquisa, foi possível verificar a mudança de atitude das professoras participantes em relação aos alunos com dificuldade ou ausência de fala oral e/ou escrita funcional, por meio dos relatos e da utilização mais frequente dos recursos e das estratégias de CAA no ambiente escolar. As trocas entre os membros do grupo e a participação no processo de análise da própria prática pedagógica contribuíram para sua percepção como parte de um processo maior: entenderem que não estão sozinhos para enfrentar as dificuldades encontradas e que podem compartilhar o que sabem com seus pares.

As Salas Abertas se configuraram como um momento de troca de conhecimento e experiência bem avaliado não apenas pelas professoras participantes da pesquisa, como também por aquelas que foram convidadas, cujos relatos estão ilustrados a seguir:

Professora C (3.^a CRE): “Desde o primeiro encontro, utilizo as imagens para CAA em SR, mas este foi mais produtivo sobre a forma de como produzir e

aplicar. Consegui tirar várias dúvidas e, devido a isso, acho que seria ótimo vários encontros”.

Professora A (1.^a CRE): “Foi muito bom estar aqui, neste encontro, trocando experiências e sendo incluída neste universo da Educação Especial. O filme, os slides e a produção de material. Tudo muito proveitoso! Obrigado por me oportunizar momentos de crescimento como esse”.

Professora D (4.^a CRE): “Gostei muitoooo! Adorei este e quero outros, como são boas estas trocas! Descobrimos que não estamos sós nesta missão, que estas pessoas (profissionais) sofrem das mesmas angústias, mas que também compartilham de sucessos. Estarei em todas que for convocada ou convidada. Parabéns!”.

Professora B (2.^a CRE): “Aprendi, de fato, como aplicar a CAA”.

Professora L (10.^a CRE): “O encontro de hoje me oportunizou conhecer sobre Comunicação Alternativa e com essa experiência saio daqui bastante motivada para buscar mais conhecimento e poder aplicar nas minhas práticas”.

Professora C (5.^a CRE): “O fortalecimento do grupo de AEE perpassa por esses encontros, assim como uma melhor qualificação da equipe. A generosidade da V. assim como seus conhecimentos e humildade nos enriquece e simplifica o que possa parecer demasiadamente complexo. Os encontros foram bem produtivos e numa linguagem bem próxima à nossa realidade cotidiana. Fui capaz de fazer *links* e pensar em atividades para alunos específicos que atendo na Sala de Recursos Multifuncional”.

Professora E (7.^a CRE): “Hospitalidade, troca de experiências, informações, praticidade, novas ideias e cooperação”.

Professora F (9.^a CRE): “Tudo foi positivo: troca de experiência, elaboração do PEI, oficina, material disponibilizado e a dinamizadora”.

Professora G (11.^a CRE): “Amei o encontro! Amei as trocas, Amei fazer o jogo cara a cara. Precisamos sempre de encontros assim!”.

Professora M (10.^a CRE): “Eu achei interessante, pois o momento foi de compartilhar experiências e ideias, importantes para o desenvolvimento do trabalho do professor”.

Professora G (8.^a CRE): O encontro foi produtivo, à medida que favoreceu o acesso dos professores que ainda não conhecem a fundo a importância da Comunicação Alternativa como um importante recurso a ser utilizado com alunos não oralizados, e também um momento de troca, que, com certeza, enriqueceu a todos”.

Avaliamos, ao final desse processo, que a implementação das Salas de Recursos Multifuncionais de Referência em TA, com ênfase em CAA, é viável e poderá trazer ganhos à formação continuada em serviço da rede municipal de professores do AEE e, especialmente, no que se refere à ampliação da acessibilidade de comunicação e informação aos seus alunos incluídos com dificuldade ou impossibilidade de fala oral e/ou escrita funcional. Sem esquecer, no entanto, que é preciso que se garantam as condições necessárias de tempo, recursos humanos e materiais, bem como a sistematização dos encontros com a OV, com permanente estudo, para manter e ampliar os resultados até aqui alcançados.